

Atos de alguns professores para a construção da moral infantil

Cadernos de
Pós-Graduação
em Distúrbios do
Desenvolvimento

Adriana Camejo da Silva

Ana Lucia Gonçalves de Souza Araújo

João Ximenez Filho

Regina Célia Zanotti Tomazinho

*Alunos do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em
Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie*

RESUMO

Esta pesquisa refere-se aos atos de profissionais (professores atuantes no Ensino Fundamental – 4^a série) que contribuem ou não para a construção da moral infantil.

Acreditando que o papel educador do professor perpassa pelas suas intervenções e elaborações a respeito e que o discurso de sua prática é um espelho de sua sala de aula, analisamos algumas situações, relatadas por esses professores, nas quais estiveram envolvidos com a agressividade de seus alunos.

Os relatos dos professores foram obtidos em entrevistas nas escolas da rede pública e privada e registrados por escrito. Esses registros foram analisados e do discurso dos professores foram assinaladas características, posteriormente agrupadas em categorias.

A fundamentação teórica para a análise foram:

- os estudos de Piaget (1994), referentes ao desenvolvimento moral, em que sugere estágios pelos quais o sujeito passa, rumo a construção da autonomia;
- as pesquisas de Yus (1998), que sugerem pautas de atuação para uma organização do currículo em torno de temas, chamados transversais, no trabalho de sala de aula;



MACKENZIE

- Vasconcellos (1993), que nos sugere abordagens diversas às questões de sala de aula.

A análise realizada possibilitou caracterizar encaminhamentos dos professores entrevistados como contributivos ou não contributivos para a construção da moral.

Palavras-chave: construção da moral infantil; atos dos professores; comportamento social.

INTRODUÇÃO

A instituição escolar vem repensando sua responsabilidade na formação integral de seus alunos, a partir de fatos que caracterizaram nossa sociedade nas últimas décadas.

O recrudescimento da industrialização e o aumento acelerado das populações de área urbana, consequente dos movimentos migratórios envolvendo milhares de famílias, rumo aos pólos industrializados, contribuíram para transformar de forma contundente a qualidade de vida nas grandes cidades.

Alterando o ritmo das famílias, revolucionando os costumes, a história contemporânea gerou consequências expressivas na educação das crianças.

Essa nova realidade impôs às instituições educativas, que assumissem também a responsabilidade pela criação e manutenção, entre as crianças, dos comportamentos sociais que vêm caracterizando a relação entre os homens que convivem nas sociedades do mundo moderno.

Assim, aquilo que há algumas décadas se dizia representar “a educação que vinha de berço”, porque eram atitudes, hábitos e comportamentos ensinados pelos pais desde que a criança era muito pequena, passou então para o espaço de responsabilidade das escolas.

Frente a esses diferentes problemas, que vêm caracterizando as relações educacionais em nosso século, pais, escolas e educadores têm procurado criar novas soluções, atualizar métodos de informação intelectual e desenvolver projetos que envolvam a educação moral e ética de seus filhos e alunos.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental explicitam no seu conteúdo essa preocupação com as intervenções dos educadores, atuando na formação moral das crianças em itens como o que segue:

Incluir explicitamente o ensino de valores e o desenvolvimento de atitudes no trabalho escolar não significa tomar como alvo, como instrumento e como medida da ação pedagógica o controle do comportamento dos alunos, mas sim intervir de forma permanente e sistemática no desenvolvimento das atitudes. Apesar de ser um trabalho complexo, é necessário acompanhar de forma cuidadosa o processo dos alunos para compreender seus comportamentos no contexto amplo do desenvolvimento moral e social (BRASIL, 1997, p. 1).



Reiteram esse posicionamento os trabalhos de Puig (1996) ao apontar para uma concepção de construção da moral, e não de algo que se oferece de antemão ao indivíduo. Nessa mesma direção, Coll (1992) ressalta a elaboração de estratégias a fim de organizar as intervenções necessárias nesse processo.

Esta pesquisa, ao analisar os atos de alguns profissionais atuantes em salas de 4^a série do Ensino Fundamental, buscou contribuir para a estruturação de trabalhos para a construção da moral infantil em nossas escolas públicas e privadas.

1 PROPOSTA DE PESQUISA

O tema desta pesquisa foi definido pelo interesse, dos integrantes do grupo, na crescente demanda de professores em elaborar situações que contribuam de maneira efetiva para a construção da moral infantil. A partir daí foram eleitos para sujeitos da pesquisa, professores da rede pública ou privada.

Decidiu-se pela entrevista aberta, solicitando-se a cada professor que relatasse situações vivenciadas, nas quais estivesse envolvido com a agressividade de seus alunos e a forma como encaminhou essa situação. Para isso, visitamos alguns professores, nas próprias escolas onde lecionavam.

1.1 CRONOGRAMA

1^a semana

Definição do tema e da pergunta orientadora da investigação.

Objetivos gerais e específicos.

Forma como seria efetuado o estudo:

Adriana – entrevista com professora (rede particular),

Ana Lucia – entrevista com professora (rede particular),

João – entrevista com professora (rede pública),

Regina – entrevista com professora (rede pública).

Discussão em grupo – Instituto Presbiteriano Mackenzie – das 18 horas às 20 horas.

2^a semana

Pesquisa de campo.

Discussão da forma de coleta de dados.



MACKENZIE

3^a semana

Análise de dados coletados.

Explicitação do referencial teórico para análise.

4^a semana

Análise das categorias.

Críticas.

1.2 OBJETIVO

Geral

Arrolar a influência de atos de alguns professores para a construção da moral infantil.

Específico

1 Identificação dos atos que contribuem para a construção da moral infantil, no sentido do desenvolvimento de relações tranqüilas com os colegas.

2 Identificação dos atos que não contribuem para a construção da moral infantil, para evitar continuação de agressividade entre alunos.

1.3 JUSTIFICATIVA

A importância da presente pesquisa de identificar, analisar e de refletir se os atos de alguns professores contribuem ou não para a construção da moral infantil, justifica-se pela crença de que é necessário enfatizar o papel educador do professor.

2 A PESQUISA

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Caráter histórico e social da moral

Inicialmente, consideremos a moral como o conjunto de regras que determinam o comportamento dos indivíduos na sociedade.

Como nos aponta Aranha (1986) há uma moral constituída, que orienta o comportamento do indivíduo por meio de normas. Em função da adequação ou não à norma estabelecida, o ato será considerado moral ou imoral.



O mundo moral é de tal importância, que se torna impossível imaginar um povo sem qualquer conjunto de regras. O antropólogo francês Levi-Strauss, analisando os povos primitivos, mostra como a passagem do reino animal ao reino humano, ou seja, a passagem da natureza à cultura, é produzida pela instauração da lei, por meio da proibição, como, por exemplo, a proibição do incesto. Com isso se estabelecem as relações de parentesco e as de aliança, sobre as quais se constrói o mundo dos homens.

A fim de garantir sua sobrevivência, o homem submete a natureza por meio do trabalho coletivo. Para que isso se torne possível, surge a moral, com a finalidade de garantir a concordância entre os indivíduos.

A moral e o comportamento podem variar de um lugar para o outro, de uma época para outra, segundo as exigências das condições nas quais os homens se organizam, ao estabelecerem as formas efetivas e práticas de trabalho. Sendo assim, cada vez que essa organização sofre alguma alteração, sobrevêm modificações nas normas de conduta coletiva.

Caráter pessoal da moral

À medida que os povos primitivos abandonam a abrangência da consciência mítica, iniciando um maior questionamento racional e, à medida que a criança se aproxima da adolescência, desenvolvendo o pensamento abstrato e a reflexão crítica, os valores herdados são questionados.

O aumento do grau de consciência e de liberdade e, portanto, de responsabilidade pessoal no comportamento moral, introduz um elemento contraditório no julgamento do comportamento do indivíduo: de um lado a moral, que se revela como o conjunto de regras que determinam como deve ser o comportamento dos indivíduos de um grupo, de outro, a livre e consciente aceitação das normas. Isso significa que um ato só é propriamente moral se passar pelo crivo da aceitação pessoal da norma. À exterioridade da moral contrapõe-se a necessidade da interioridade, da adesão mais íntima.

Por vezes esse processo pode ser penoso, uma vez que, não raro, as normas estabelecidas em um dado momento tornam-se obsoletas e inadequadas e devem ser mudadas. As contradições entre o velho e o novo são vividas quando as relações estabelecidas entre os homens, ao produzirem sua existência por meio do trabalho, exigem um novo código de conduta.

Caráter social e pessoal da moral

Aceitando-se o caráter pessoal, de forma predominante, para o julgamento das ações e comportamentos do indivíduo que coloca em questão a regra, corre-se o risco de destruir a moral, pois se depender exclusivamente da sanção pessoal, recairemos num individualismo e, consequentemente, na ausência de princípios.



MACKENZIE

Por outro lado, se consideramos o caráter social da moral, exclusivamente, inevitavelmente cairemos no dogmatismo.

Portanto, é preciso considerar esses dois pólos da moralidade, em uma relação dialética, ou seja, uma relação ao mesmo tempo de exclusão e de implicação recíproca; uma relação de adaptação e desadaptação à norma. É característica humana criar cultura e a espécie só terá uma vida harmoniosa se, frente à moral constituída, for capaz de propor uma moral constituinte, isto é, a moral que se faz a partir das experiências vividas.

Nessa perspectiva, a moral não pode recusar a ambigüidade fundamental, a que determina o seu caráter histórico. Toda moral está situada num tempo que reflete um mundo em que a nossa liberdade se acha situada. Diante do passado, que condiciona nossos atos, podemos nos colocar à distância para reassumi-lo ou recusá-lo. A historicidade do homem não reside na sua mera continuidade através dos tempos mas, na consciência ativa do futuro, pela qual se torna possível a criação original.

Desenvolvimento moral

As pesquisas no campo do desenvolvimento moral, durante o século XX, apontaram para três grandes correntes teóricas: a teoria psicanalítica de Freud, a teoria behaviorista de Skinner e a teoria construtivista de Piaget.

Para Freud, a instância psíquica responsável pelo sentimento de dever é o superego, que se forma durante as peripécias do complexo de Édipo (por volta dos cinco anos de idade). Para ele, a criança seria, por natureza, essencialmente anti-social porque está inclinada a sempre saciar seus desejos. Sua educação e a decorrente entrada no mundo da cultura exigem que ela renuncie a certos desejos (por exemplo, o desejo incestuoso). A moral é, portanto, vista como repressora, resistindo às tendências “naturais” dos indivíduos. As proibições sociais acabam sendo internalizadas (a partir do processo de identificação, especialmente em relação à figura dos pais), formando o superego que controla a consciência com seus imperativos e suas punições. A educação moral é vista como um processo de “fora para dentro”, um processo de aculturação no qual o indivíduo tem pouca participação na edificação de sua moral.

Para Skinner, o comportamento moral explica-se pela eficácia dos reforçadores sociais. A sociedade recompensa o que ela considera bom e castiga o que considera ruim e este jogo de condicionamentos, explica a presença ou ausência de comportamentos morais. Assim, como para Freud, a educação moral é vista como imposição da cultura em relação à criança e o indivíduo tem pouca participação.

Para Piaget, ao contrário, a criança participa ativamente de seu desenvolvimento moral, pois é nas interações com a sociedade que ela constrói valores e regras. Diferentemente de Freud, Piaget nada vê que nos autorize dizer que a

criança seja movida por impulsos egoístas e destrutivos que devam ser severamente reprimidos. Segundo o psicólogo suíço, tal interpretação comete o erro de projetar na criança sentimentos adultos. E, diferentemente de Skinner, Piaget não acredita que os comportamentos morais sejam redutíveis a simples hábitos. Suas pesquisas o convenceram de que os valores e as regras passam pela consciência e de que é justamente a qualidade da assimilação racional destes que determina morais diferentes. Do ponto de vista educacional, em vez de propor uma pedagogia moral que privilegie a influência do adulto sobre a criança, Piaget aconselha promover relações de cooperação entre as crianças, relações estas que promovam a descentração por serem baseadas no diálogo e no acordo.

Ao estudar o julgamento moral, Piaget relaciona-o com o desenvolvimento cognitivo, aplicando ao primeiro suas concepções sobre o desenvolvimento do pensamento e concebendo a criança como capaz de tornar-se, através das interações com os outros, cada vez mais racional no que tange ao julgamento moral.

Dessa maneira o desenvolvimento moral está associado ao intelectual, de modo que o grande desafio da educação seria o de favorecer o desenvolvimento cognitivo em consonância com o afetivo-moral, para que o indivíduo conquistasse, progressivamente, a sua autonomia intelectual, afetiva e moral com base no exercício das descentrações e nas leis de reciprocidade construídas em suas interações com o meio.

Analizando os julgamentos e sentimentos morais, Piaget e seus colaboradores concluem que a gênese do senso do dever ou obrigação, dá origem a formas de respeito às regras ou normas: anomia, heteronomia e autonomia.

Anomia

O bebê, do nascer até mais ou menos um ano e meio, não desenvolveu o sentimento de respeito pelo adulto. Seu comportamento, em relação aos que o cercam, é egocêntrico e sua conduta anárquica, caracterizando, assim, a fase do desenvolvimento moral denominado *anomia*. Durante essa fase, não existe a noção de certo ou errado sob o ponto de vista da conduta social e a criança não é capaz de obedecer a regras de convívio. O sentimento que se desenvolve nessa fase é o afeto, sentimento necessário à constituição futura do respeito.

O bebê não construiu, ainda, a imagem mental que antecipe as consequências de seus atos, o que implica, por exemplo, não lembrar a “brabeza” da mãe ao mexer num aparelho eletrônico. Assim, sempre que a criança se depara com o aparelho, ela tem a iniciativa de explorá-lo e é só na presença da correção do adulto que o bebê abandona tal conduta.

Quando alcança a idade de um ano e meio, dois anos em média, o bebê, ao se aproximar do aparelho, pode evocar a imagem da mãe contrariada e, sendo



MACKENZIE

assim, o próprio bebê pode tirar a mão do aparelho e se autocorrigir sem a interferência direta da mãe. Essa conduta é típica do ingresso na moral heterônoma.

O respeito unilateral e a moral heterônoma

A heteronomia é a fase do desenvolvimento moral que se caracteriza pelo surgimento do respeito às regras ditadas por aqueles que têm autoridade na relação com a criança. Nessa fase, as crianças dependem das decisões do adulto sobre como devem ou não se conduzir. Para elas, o julgamento entre “certo” ou “errado” está subordinado ao que acreditam que o adulto julgaria melhor ou pior. Pela falta de lógica das relações do pensamento, não conseguem raciocinar em função das causas – intenções boas ou más de uma conduta e sim, seus efeitos aparentes.

O respeito que a criança tem pelo adulto é unilateral e tem origem em dois sentimentos que se mesclam: o sentimento de afeto e o de medo das reações que o adulto pode ter frente às “desobediências” da criança. Piaget diz que um sentimento sem o outro não gera o respeito unilateral característico das relações heterônomas desse nível. Assim, uma criança não obedecerá as ordens de um irmão a quem tenha afeto, se por este não tiver algum sentimento de medo; também não respeitará um adulto que inspire medo sem que o estime. O respeito é unilateral, pois o adulto que respeita a criança não o faz pelos mesmos motivos que determinam o respeito da criança pelo adulto.

Respeito mútuo e moral autônoma

A existência de respeito mútuo só é possível a partir do exercício das cooperações na convivência em grupo, das descentrações necessárias e da vivência das leis de reciprocidade.

Descentração é a capacidade da criança poder sair do seu ponto de vista e se colocar no ponto de vista dos outros; é a capacidade da criança criar novos argumentos capazes de se fazer entender pelo outro. A descentração é necessária para o surgimento das leis de reciprocidade, determinadas pela coordenação mútua dos diferentes pontos de vista. Essa coordenação mútua gera uma nova compreensão da realidade pelas crianças, não necessariamente idêntica entre todos os que realizaram a cooperação.

Essa nova compreensão da realidade é construída com base na experiência histórica de cada criança e nos seus níveis de desenvolvimento, o que acarretará diferentes resultados entre crianças de um grupo que vivenciam a mesma experiência.

Com certeza, surgirão os conflitos de convivência (os quais retomaremos mais adiante), os choques de pontos de vista e de interesses pessoais: ao mesmo tempo, crescem o conhecimento mútuo, a confiança e o bem-querer que une os indivíduos. São sentimentos contraditórios e que determinam a necessidade de

construção ou de modificação das regras que subordinam as formas de relação entre os participantes do grupo. Apesar dessa subordinação, subsiste a autonomia nas formas de relação entre os indivíduos, pois além de cada um participar da elaboração das regras que regem a convivência do grupo, há um sentimento de afeto que os une, e que faz com que queiram perpetuar as relações.

Fundamentada na concordância e no respeito mútuo, a autonomia moral é uma forma de respeito às regras que faz emergir o senso de justiça, o qual pode vir a tornar-se uma norma central que prevalece sobre a obediência. Para uma criança que conquistou a fase da autonomia moral, não existem condutas que, por sua simples aparência, possam se constituir em boas ou más, o julgamento de uma atitude dependerá da análise de todos os pontos de vista envolvidos, bem como das ações que determinaram tal atitude, coordenando-as entre si. É o senso de justiça prevalecendo sobre a obediência cega.

O papel do educador na formação moral dos educandos

Não se pode falar em educação sem se levar em conta a cultura para qual, e na qual, o processo educativo ocorre.

A educação não é auto-gerada. O sujeito que se educa (o educando) necessita de sujeitos que o eduquem (os educadores). Ou seja, a educação é um processo de integração na cultura em que estão envolvidos os que conhecem e os que não conhecem, os que já sabem da cultura e os que precisam saber dela para poder participar do movimento contínuo de recriação e transformação cultural.

Cada cultura constrói suas formas de educar as novas gerações. Todas as culturas possuem rituais educativos. Esses rituais, que podem existir sob a forma de instituições, como a escola, se organizam de acordo com padrões e necessidades geradas pelo próprio desenvolvimento de cada cultura.

Nossa atual realidade, marcada pelo recrudescimento da industrialização e o aumento acelerado das populações de área urbana, impôs às instituições educativas, que assumissem a responsabilidade da criação e da manutenção, entre as crianças, de comportamentos morais adequados à sociedade, que lhes ensinasse a respeito de ética.

A ética diz respeito às reflexões sobre as condutas humanas. A pergunta ética por excelência é “Como agir perante os outros?” Tal pergunta é ampla e sua resposta implica tomadas de posição valorativas. A questão central das preocupações éticas é o da justiça, entendida como inspirada pelos valores de igualdade e eqüidade.

Em sala de aula estão em jogo relações interpessoais, em que os indivíduos necessitam pensar a respeito de como o outro se sente, compreender seu ponto de vista e suas motivações ao interpretar suas ações.

Sendo o professor, aquele que sabe mais a respeito da cultura e que tem o papel de ensinar as novas gerações, cabe a ele interferir na formação moral de





seus alunos, de modo a viabilizar a sua inclusão e participação no processo de transformação do mundo.

A educação moral como construção, parte, como primeiro princípio, da convicção de que a moral não é algo dado de antemão, pressuposto, ou que o indivíduo simplesmente escolhe ou sobre o que decide. A moral deve ser feita mediante um esforço complexo de elaboração das formas de vida e dos valores que são considerados corretos e adequados para cada situação. A moral é, portanto, um produto cultural cuja criação depende de cada sujeito e do conjunto de todos eles (PUIG, 1996, p. 7).

A respeito do papel do professor perante a formação moral de seus alunos, Yus (1998) nos aponta uma postura adequada do professor nas situações que oportunizam a aprendizagem da moral.

Tem de interessar os alunos sobre o objeto do estudo, identificar e tornar conscientes as idéias prévias, questioná-las, introduzir novos conceitos ou procedimentos e pôr de manifesto o maior poder explicativo das novas idéias.

Segundo indicam Dolz e Pérez (1994, p. 19-21) de pouco serve dar sermão sobre certos valores se estes não são objeto de aprendizagem, e não se planejam situações didáticas em que se trabalham expressa e sistematicamente os conteúdos concretos dos temas morais. Para isso, é preciso partir do tipo de organização, dos elementos da unidade didática, que seja mais adequada para os objetivos propostos.

O conteúdo moral que se quer ensinar, exige pôr em prática estratégias que sejam respeitosas com os processos autônomos de construção de valores. Nessa perspectiva, não é ético propor os processos de ensino de forma expositiva, o que equivaleria a moralizar ou doutrinar. O objetivo é impulsionar o desenvolvimento autônomo de valores, propiciando a evolução natural dos alunos desde as etapas iniciais de moralidade heterônoma, até etapas de maior autonomia moral. A educação moral, inserida no panorama geral das atitudes, necessita do controle das mensagens implícitas ou ocultas nas relações entre os sujeitos que convivem na aula e também, o dos recursos didáticos que se empregam na aula.

Vasconcellos (1993, p. 41) indica a possibilidade do professor assumir a responsabilidade pela disciplina, enquanto articulador da proposta, mas deve, no entanto, levar a classe a assumi-la progressivamente, tendo como parâmetro não a sua pessoa (sua autoridade), mas as necessárias condições para o trabalho coletivo de sala de aula.

O papel do professor também colocará em jogo habilidades do profissional, ora mantendo-se neutro nos debates morais, ora assumindo posturas calculadas e justificadas. Por outro lado, o professor ainda necessita colocar em marcha, mecanismos organizativos e afetivos, que promovam um ambiente de confiança na aula, estreitando as relações do grupo, desde o respeito, a tolerância e a solidariedade, através de técnicas que construam a coesão grupal e, propiciem uma atmosfera moral e democrática na prática diária.

Hannoun (1997) aponta vários pressupostos da educação. Entre eles a confiança na humanidade e no valor de suas finalidades. No que se refere à pessoa do educando: sua perfectibilidade. O ato de educar presume, no educador, capacidade para educar e, no educando, aptidão para receber a educação; em outras palavras, sua perfectibilidade.

2.2 MÉTODO

Entrevista individual não padronizada, com quatro professoras de 4^a série do Ensino Fundamental. A cada uma foi solicitado que relatassem uma situação de agressividade vivenciada por ela com seus alunos.

A análise desse material foi conduzida através da óptica qualitativa. A pesquisa qualitativa pode ser considerada como uma tentativa de compreensão de forma detalhada de uma determinada situação, dos significados atribuídos a ela pelos entrevistados.

Nessa tentativa de compreensão da situação vivenciada em sala de aula, entre alunos e professores, procuramos não nos limitar a descrições dos fatos, mas, sim, a descobrir os sentidos individuais dessas situações para os sujeitos envolvidos.

Para isso procuramos compreender os significados que os relatos das professoras apontavam, para depois interpretá-los a partir da fundamentação teórica. Após isso, chegamos a uma nova compreensão podendo assinalar os encaminhamentos contributivos para a construção da moral e os não contributivos.

Masini (1989, p. 63) aponta essa possibilidade ao afirmar: “Na pesquisa (como em qualquer outra situação) a apropriação do conhecimento dá-se através do círculo hermenêutico: compreensão-interpretação-nova compreensão”.

Partindo-se do relato e compreensão de situações de sala de aula, analisamos encaminhamentos diversos dos professores, buscando verificar sua intervenção na construção da moral infantil.

Dessa maneira, entendemos que esta análise das entrevistas realizadas poderá significar um salto cognitivo, ao sentido de levar a maior reflexão sobre o ato do professor para a construção da moral infantil.

A fim de realizar essa análise de modo a validar os resultados, fez-se necessário uma prática reflexiva, isto é, uma compreensão consciente, de nossa parte, acerca do processo de pesquisa. Ou de maneira mais específica, uma aproximação questionadora do testemunho dos informantes.

Esta forma de proceder inspirou-se na afirmação de Ricoeur (1977, p. 88): “É através da reflexão que se dá a apropriação de nosso ato de existir. A consciência inicialmente é falsa, e é necessário elevar-se através de uma crítica corretiva”.



MACKENZIE

Os passos que antecederam a entrevista assumem fundamental importância. Desde a escolha dos entrevistados, passando pelo planejamento da entrevista e organização do local, todos os detalhes foram planejados.

Evitando influenciar os entrevistados de maneira que pudessem distorcer seus comportamentos e declarações, a entrevista foi conduzida, solicitando a cada professora, simplesmente, que relatasse uma situação de agressividade vivenciada por seu grupo de alunos.

No intuito de observar os atos que contribuem ou não para a formação da moral infantil e, considerando-se que as intervenções realizadas pelo professor alcançam sucesso na medida em que ele as elabora, analisa e reflete, acredita-se ser a análise qualitativa a mais adequada para esta pesquisa, uma vez que esse procedimento possibilita observar dimensões variadas do problema proposto: a ontológica (referente à natureza do objeto a ser conhecido), epistemológica (referente à relação conhecedor & conhecido) e a metodológica (referente ao processo de construção do conhecimento) (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 132).

2.2.1 Apresentação dos dados coletados

Professores

Formação	Escola Particular	Escola Pública
Magistério		1
Graduação	2	1
Pós-Graduação		

Anos de Formação

De 1 a 10	1
De 11 a 20	1
De 21 a 30	2

Diretriz de Fundamentação do Trabalho da Escola

Humanista - Construtivista	1
Tradicional	1
Construtivista	2

É opção lecionar na 4^a série?

Sim	2
Não	2



2.2.2 Categorias que emergiram das entrevistas

- a) Não faz descrição do que ocorre nas situações de agressividade;
- b) Referência à conduta da escola com alunos reincidentes;
- c) Referência à atitude dos alunos, enfatizando o lado negativo;
- d) Descrição da situação vivenciada;
- e) Referência às atitudes do professor em situações de agressividade dos alunos:
 - voltada para o que faz e voltada para o que deve ser feito;
- f) Referência à orientação da instituição perante a agressividade;
- g) Referência às dificuldades dos problemas externos à escola;
- h) Explicitação do próprio ponto de vista sobre a causa da agressividade nos alunos;
- i) Referência à agressividade como um problema socioeconômico;
- j) Referência à atitude dos alunos;
- l) A agressividade dos alunos atinge o equilíbrio emocional do professor.

2.3 ANÁLISE DOS DADOS

2.3.1 Análise das categorias

Reiterando o que foi dito na página vinte e quatro, Yus (1998), o papel do professorado na aprendizagem de conteúdos atitudinais assume um caráter de fundamental importância, uma vez que é elemento essencial na organização de oportunidades para que ela ocorra. Ele tem de interessar os alunos sobre o tema em questão, identificar e tornar conscientes as idéias prévias e questioná-las. “O professor deve atuar como motivador, diagnosticador e guia, inovador, experimentador, moral e socialmente comprometido” (YUS, 1998, p. 175).

Com base nessa proposição no discurso de Yus acerca de sua prática, analisaremos as categorias relacionadas acima.

- a) Não faz descrição do que ocorre nas situações de agressividade.

Alguns dos professores entrevistados não descreveram situações de agressividade, referindo-se a elas de modo distante, sem realmente relatar momentos em que essa questão estivesse presente nas relações. Observemos:

[...] ele (o aluno) tem que repensar, refletir, mas se isso não dá resultado, fazemos uma entrevista com os pais.

[...] existem muitas crianças com condutas indisciplinares que precisam ser encaminhadas para um psicólogo.

[...] as classes são normalmente de quarenta alunos e quando tem cinco deles indisciplinados, você tem que conversar, acalmar e ficar junto com eles.

Seguindo a proposição de que o professor que reflete acerca de sua prática, analisando-a e planejando intervenções, tem possibilidade de vir a modificar alguns comportamentos de seus alunos, evitar uma aproximação com o problema enfrentado, não contribui para que isso ocorra.



Para que o professor reflita acerca de um problema que se coloca em sala de aula, analisando como intervir para que as crianças possam avançar em suas possibilidades de ação, é imprescindível que se aproxime da real situação e do que nela ocorreu, assumindo-a, aceitando o grupo de alunos que tem.

b) Referência à conduta da escola com alunos reincidentes.

Alguns professores fizeram referência à conduta da escola em casos de alunos que reincidem em comportamentos inadequados, transparecendo alguma interferência de um profissional externo à sala de aula. “[...] nós encaminhamos para a coordenadora pedagógica da escola e ela decide se essa criança precisa ser encaminhada ou não para um profissional”.

Como garantir que a decisão de encaminhar uma criança é adequada ou não, se o profissional encarregado de fazê-lo não enfrenta o problema em sala de aula? Será que podemos garantir que é a criança que necessita de orientação e não o professor e, até mesmo a escola, em seus encaminhamentos?

Por vezes, propostas inadequadas do ponto de vista do desenvolvimento dos educandos, podem gerar problemas de disciplina e agressividade. Isto não favorece um ensino participativo e significativo.

A criança, em fase de crescimento e desenvolvimento, precisa de participação ativa, de movimento. Como pode ser disciplinada, tendo que ficar quatro, cinco ou seis aulas sentada, parada e muitas vezes ouvindo o professor falar? (VASCONCELLOS, 1993, p. 63).

c) Referência à atitude dos alunos, enfatizando o lado negativo.

Observemos o discurso da professora:

[...] já tinha estourado a boca de um, vivia fora da sala da aula [...]

[...] o outro já tinha provocado né? [...]

Ele perdeu as estribeiras e partiu pra cima de um dos meninos [...]

Segundo Hannoun (1997, p. 18), um dos pressupostos da educação é que a pessoa humana seja perfectível. “[...] no homem, ao nascer, coexistem uma animalidade real e uma humanidade potencial. É a perfectibilidade como possibilidade de superar a primeira em direção à segunda que dá sentido à educação”.

• Acreditar que nossos alunos podem superar um estágio de evolução em direção a outro mais evoluído, é um pressuposto básico da educação. Sem ele tendemos a nos deixar levar por um pessimismo maléfico ao processo. Dessa maneira, enfatizar o lado negativo das atitudes dos alunos, dificulta a procura por alternativas que os ajudem a avançar em seus conhecimentos, quer sejam de caráter conceitual ou atitudinal.

d) Descrição da situação vivenciada.

Alguns professores descreveram situações em que estiveram envolvidos com a agressividade entre seu grupo de alunos. As descrições mostram encaminhamentos diversos.



Em alguns, observamos a reflexão do professor a respeito de como intervir no processo de desenvolvimento de seus alunos, em contrapartida, há situações em que se deixam levar pelo momento. Vejamos: “Escuta meu filho, se você não gosta, (da escola) então fica em casa [...]” “Com esse menino é muito difícil de lidar, mas com ele eu fiz uns combinados um dia, em particular [...]”

Nota-se que em dois momentos diferentes, e falando a respeito de crianças diferentes, a professora teve reações adversas.

Para um dos meninos ela disse que ficasse em casa, quando ele reclamava que não gostava da escola, já com um outro, procurou fazer combinados em particular, procurando mostrar à criança possibilidades de comportamentos mais adequados.

Acredita-se que quanto mais o professor conseguir elaborar sua ação observando seus alunos, mais chance terá de conseguir bons resultados. Aconselhar o menino que não gosta da escola a ficar em casa, apenas contribuirá para que ele se distancie cada vez mais dela.

e) Referência às atitudes do professor em situações de agressividade dos alunos:

- e1) Voltada para o que faz.
- e2) Voltada para o que deve ser feito.

Encontram-se alguns professores que apresentaram pequenas diferenças em seus discursos quando relataram sua ação, junto aos alunos em situações de agressividade. Há os que disseram o que deve ser feito e os que relataram o que fizeram. Vejamos:

e1) “[...] a primeira coisa que você tem que fazer é tirar o outro da frente [...]”
“[...] você tem que apartar, se você tiver que entrar no corporal pra segurar e mostrar que você é mais forte, você entra e pronto [...]”

e2) “Então, uma outra estratégia que eu uso é de mantê-los muito ocupados, sempre [...]”
“Entre uma aula e outra, quando eu vejo que a aula foi muito cansativa, o texto muito árduo, eu dou 5 minutos de intervalo para que eles conversem”.

Cada uma das situações relatadas em e2 poderá contribuir na construção da moral, dependendo da reflexão que o professor fizer a respeito do andamento de seu grupo.

Dizer o que efetivamente faz, poderá concorrer para a construção da moralidade se houver por parte do professor reflexão sobre sua ação.

f) Referência à orientação da instituição perante a agressividade.

Os professores citam o trabalho dos profissionais da escola como importante aspecto para a construção da moral:



MACKENZIE

[...] nessas situações, e com crianças difíceis, nós recebemos todo o apoio e respaldo da escola.

[...] é sempre trabalhado isso com todos os professores.

Segundo Vasconcellos (1993), quando o professor entra em sala de aula, não está entrando sozinho; com ele entram seus colegas, os funcionários, as regras, as vivências, enfim, a instituição que naquele momento é por ele representada.

Referir-se a orientação da instituição diante de situações de agressividade aponta para um trabalho de equipe, em que o professor não está sozinho. Vejamos mais um trecho de Vasconcellos (1993):

Há necessidade de se procurar construir uma postura comum entre os educadores (professores, equipe técnica, auxiliares, direção) e educandos. Deve-se estabelecer parâmetros comuns para a escola.

O discurso de alguns professores aponta para a tentativa de construção desses parâmetros.

g) Referência às dificuldades dos problemas externos à escola.

Vejamos o que dizem os professores acerca desse aspecto:

você chega a conclusão de o porquê a criança se comporta daquela forma, você tem que trabalhar com os pais e isso é difícil.

[...] na família ou há briga entre os pais, ou estão separados, ou até mesmo uma situação econômica difícil [...]

Procurar entender cada aluno como um ser integral, que ocupa outros espaços além da escola, que convive com realidades, muitas vezes adversas, pode concorrer para uma melhor compreensão do que ocorre com cada um, e de seu comportamento. Dessa forma o professor terá condições melhores para lidar com a agressividade e orientar os alunos em suas condutas.

h) Explicitação do próprio ponto de vista sobre a causa da agressividade nos alunos.

Alguns professores atribuíram as características dos grupos de 4^a série, à fase de desenvolvimento pelo qual estão passando os alunos. “A 4^a série é sempre marcada principalmente por contestações, porque eles estão numa fase de pré-adolescência, onde eles não são nem adolescentes nem crianças [...]”

Segundo Vasconcellos (1993), a organização do currículo deve estar atenta para as necessidades das respectivas fases de desenvolvimento, contribuindo assim para não gerar problemas de disciplina.

O professor atento a essa questão pode contribuir para a construção da moral, organizando suas atividades segundo a necessidade de seu grupo.

Isso mostra uma atitude esclarecida do professor, necessária ao planejamento e execução de aulas significativas e condições para trabalho coletivo disciplinado, de respeito, tolerância, solidariedade.



i) Referência à agressividade como um problema sócio-econômico.

Vejamos o discurso dos professores:

[...] não adianta, é um problema social brasileiro, não é o Estado que vai resolver, não tem como, se você fala como professor e em casa os pais não ajudam, não adianta [...] a indisciplina é muito do contexto social, da família e não é a escola que vai resolver. [...] a cada ano que passa está ficando pior!

Novamente segundo Vasconcellos (1993): “O pressuposto fundamental de qualquer trabalho educacional é acreditar na possibilidade de mudança do outro”.

E ainda:

[...] existe uma determinação mais geral da sociedade sobre a escola, que espera que a sala de aula seja um lugar de submissão, de doutrinação, de seleção social, de domesticação. Diante deste fato, qual a opção: reforçar/reproduzir esta lógica, ou resistir/tentar transformar?

O discurso de alguns professores apontam para uma postura de submissão a ideologia, que quer fazer acreditar que a cada ano está pior, que nada podemos fazer. É na escola que pode começar a mudança, é na sala de aula que se pode tentar transformar a realidade.

Acreditar que nada é possível, que a cada ano é pior, não contribui para que o professor encaminhe situações de aprendizagem da moral.

j) Referência à atitude dos alunos.

Vejamos o que dizem os professores: “[...] as crianças já sabem, e criança não é tonta, elas começam a sacar como elas vão lidar, até onde elas podem ir, se pode cutucar e como fazê-lo [...]”

Observar a atitude do grupo, e de cada um em particular, conhecendo as crianças e como funcionam quando juntas, pode oferecer pistas para o professor a respeito de seus encaminhamentos em sala de aula.

Antecipar o quê e como pode acontecer o trabalho, durante a aula, faz com que o professor possa planejar segundo o que conhece de seus alunos, contribuindo não só para uma aula significativa, assim como para a construção da moral.

l) A agressividade dos alunos atinge o equilíbrio emocional do professor.

Vejamos o que dizem os professores: “[...] sempre que há caso de agressão, isso afeta o emocional da gente. No meu caso aconteceu assim [...]”

Para Vasconcellos (1993), o professor deve ter convicção de que há algo relevante e bom para trabalhar com seus alunos. Autovalorizar-se.



Acredita-se que deixar-se abalar emocionalmente pelas dificuldades do dia a dia da sala de aula não contribui para a construção da moral das crianças, uma vez que dessa maneira, o professor pode passar a acreditar que seu trabalho não é válido, e em nada pode modificar seu grupo.

2.3.2 Classificação do que contribuiu e o que não contribuiu para a construção da moral

Analizando-se os dados coletados, agrupados em categorias, pode-se classificá-los conforme apresentação a seguir:

a) Atos de professores que contribuíram para a construção da moral:

- Ater-se à situação vivenciada e descrevê-la (dependendo do encaminhamento do que ocorre em cada situação).
- Atitude do professor em situações de agressividade dos alunos:
 Voltada para o que faz e não para o que deve ser feito.
 Novamente depende do encaminhamento da situação.
- Clareza sobre a orientação da instituição perante a agressividade.
- Clareza sobre as dificuldades dos problemas externos à escola.
- Explicitação do próprio ponto de vista sobre a causa da agressividade nos alunos.
- Referência à atitude dos alunos.

b) Atos de professores que não contribuíram para a construção da moral:

- Não faz descrição de situações de agressividade.
- Referência à conduta da escola com alunos reincidentes.
- Referência à atitude dos alunos, enfatizando o lado negativo.
- Referência à agressividade como um problema socioeconômico.
- A agressividade dos alunos atinge o equilíbrio emocional do professor.

3 COMENTÁRIOS E CRÍTICAS

A título de apontar as dificuldades e problemas que enfrentamos ao longo do trabalho, arrolamos algumas críticas aos encaminhamentos feitos, que muitas vezes dificultaram a elaboração deste.

- Não houve definição clara da pergunta orientadora, e isso gerou dúvidas e outros direcionamentos nos integrantes do grupo.
- No registro das entrevistas, evitar redução dos dados coletados, pois a fala do informante é rica e pode apontar aspectos além do verbal.
- Entrevista muito aberta, dificultou a categorização dos dados.
- Analisar dados de entrevistas realizadas por outra pessoa, na qual é registrado apenas o que foi verbalizado, gera grande dificuldade, uma vez que se perdem importantes observações, colhidas no momento da realização.



Por outro lado, a pesquisa enriqueceu a aprendizagem da disciplina Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas, uma vez que demandou ampliação de nossas leituras acerca da caracterização e encaminhamento desse tipo de pesquisa.

ABSTRACT

This research concerns professional attitudes (4th Grade teachers) that will enhance or not children's moral development. Regarding teacher's role as going further than his/her interventions and thoughts about it and that his/her actions are mirrors of his/her classroom, we analyzed some situations where these teachers reported pupils' aggressive situations lived by them. Teacher's reports were obtained via interviews, at private and public schools. These were written for later analysis based in the features of teachers' speech, grouped in categories.

Theoretical background for this analysis were Piaget's studies (1932) concerning moral development, suggesting stages through subjects autonomy; Yus' research (1996) suggesting themes for curriculum organization in classroom activities, called cross sectional, and Vasconcellos (1993) who suggests different approaches to classroom situations. The analysis allowed characterizing teachers' actions as contributing or not to moral construction.

Keywords: child moral construction; teacher's acts; social behavior.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. A. *Filosofando*. São Paulo: Ed. Moderna, 1986.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares Nacionais*. Brasília, DF [1997].
- DOLZ, M. D; PÉREZ, P. El trabajo en el aula. *Cuadernos de Pedagogía*, n. 227, p. 19-21, 1994.
- DEVRIES, R.; ZAN, B. *A ética na educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FREUD, S. *El malestar en la cultura*. Madrid: Alianza, 1970.
- HANNOUN, H. *Educação: certezas e apostas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.



MACKENZIE

- MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MAZZOTTI, A. J. A.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.
- PUIG, J. M. *A construção da personalidade moral*. São Paulo: Ática, 1996.
- RICOEUR, P. *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- SKINNER, B. F. *Tecnología de la enseñanza*. Barcelona: Labor, 1970.
- VASCONCELLOS, C. S. *Disciplina a construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad, 1993.
- YUS, R. *Temas transversais em busca de uma nova escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

